



A CARTUXA

EDIÇÃO DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL
A VOZ DE PAÇO DE ARCOS

FACHADA PAÇO REAL DE CAXIAS

O SUPLEMENTO CULTURAL A CARTUXA É PARTE INTEGRANTE DO JORNAL A VOZ DE PAÇO DE ARCOS

Diretor: José Manuel Marreiro | N.º 5, DEZEMBRO de 2023

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



Editorial

Por Jorge Chichorro Rodrigues

Este número do suplemento “A Cartuxa”, o nº 5, é comemorativo do nº 50 de A Voz de Paço de Arcos, de que é parte integrante. Os temas escolhidos exigiam um tratamento especializado, dado o grau de exigência. Assim, vai o leitor encontrar quatro artigos da autoria de quatro grandes conhecedores das respetivas matérias. Começamos por Carlos Beloto, recuperador de obras de arte, com “Azulejos da Fachada do Paço Real de Caxias” e o “Mirante de Caxias”; prosseguimos com “A Concha “Ex-Libris dos Oceanos”, por José Duarte Moreira Rato, e em seguida é-nos apresentado “Daniel dos Santos Nunes... uma vida, uma biblioteca”, por Carlos Almeida Nascimento, doutorado em antropologia pela Universidade Nova de Lisboa, e por Augusto Nascimento, mestre e doutor em

sociologia pela mesma universidade.

No artigo “Paço Real de Caxias – Azulejos da fachada”, o professor Carlos Beloto apresenta-nos a de forma sucinta a história do Paço Real de Caxias e a relação entre este e D. Pedro III, um rei culto, que apreciava a arte a natureza. Foi o rei que idealizou o Paço, com o seu gosto próprio da época romântica, e foi ele que escolheu as cenas que encontramos nos azulejos da fachada do Paço Real: à direita uma cena de luta entre dois animais e à esquerda uma cena bucólica dum jardim.

No artigo “Mirante de Caxias”, Carlos Beloto refere aspetos importantes do mesmo, nomeadamente a sua situação, no Alto da Bella, sobranceiro à Quinta Real de Caxias, a sua história, desde que foi mandado edificar pelo rei D. Pedro III, ou, por exemplo, a descrição das pinturas

Colaboradores deste suplemento: Carlos Beloto, José Duarte Moreira Rato, Augusto Nascimento e Carlos Almeida Nascimento

Capa: Fachada do Paço Real de Caxias - Edição gráfica de Carlos Beloto

existentes no seu interior, segundo o testemunho do 2º testamento desse rei.

José Duarte Moreira Rato, no seu artigo “A Concha, Ex-Libris dos Oceanos” (uma História com 500 milhões de anos), faz-nos viajar pelo que ele chama “O mundo maravilhoso das conchas”. Ao lermos o artigo ficamos a conhecer várias famílias de conchas, o seu comportamento, habitat, e o modo como elas se relacionam com a gastronomia ou com certas artes, como a pintura, a escultura ou a arquitetura. É-nos apresentado, por exemplo, o caso da ornamentação do teto da capela das conchas. Também na religião elas têm um grande simbolismo, como acontece no cristianismo que as considera sinónimo de pureza, ressurreição e redenção.

José Duarte Moreira Rato: Técnico Superior da FAO. Exerceu funções em Moçambique, onde permaneceu durante mais de vinte anos em atividades ligadas à pesca.

Por fim, no artigo “Daniel dos Santos Nunes... Uma vida, uma biblioteca”, Carlos Almeida Nascimento e Augusto Nascimento, do Centro de História da Universidade de Lisboa, referem aspetos biográficos de Daniel Nunes, nascido em Cabo Verde, com onze irmãos, tendo tido, em Portugal, Amílcar Cabral como encarregado de educação, e tendo convivido com a geração da Casa dos Estudantes do Império.

Do pai herdou uma biblioteca com 1.500 livros, vindo ele próprio a reunir uma vasta biblioteca com mais de 40.000 volumes. Daniel Nunes dá razão ao provérbio africano segundo o qual “os africanos mais velhos são bibliotecas vivas”. Amante dos livros, conhecedor dos materiais de que se compõem, curioso sobre todas as matérias deste mundo, conversador com infinitas histórias para contar, conhece bem a temática da escravatura, e tem livros que vêm desde o século XVI e já passaram pelas mãos de figuras ilustres. É caso para se dizer que Daniel Nunes e o livro tendem para ser um só, tal é a cumplicidade de que os une.

Carlos Almeida Nascimento: Doutorado em antropologia pela Universidade Nova de Lisboa e com Mestrado em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa, pela Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

Augusto Nascimento: Investigador do Centro de História da Universidade de Lisboa. Licenciado em História, foi cooperante em São Tomé e Príncipe de 1981 a 1987. Tem o grau de mestre e de doutor em sociologia pela Universidade Nova. Tem como principais áreas de interesse a história política africana, a história recente e a atualidade de Cabo Verde e de São Tomé e Príncipe.



PAÇO REAL DE CAXIAS

Azulejos da Fachada

Por Carlos Beloto

O Palácio Real de Caxias, assim era identificado à época, foi mandado construir por D. Pedro III. A obra iniciou-se a 14 de outubro de 1781. A 23 de setembro de 1785 foram pagas as verbas destinadas aos acabamentos finais.

D. Pedro III governou desde 24 de fevereiro de 1777 até à sua morte a 25 de maio de 1786, pouco tempo depois (8 meses) faleceu.

O custo desta obra foi 10.655\$567.

D. Pedro pensou e construiu o jardim, a quinta de produção agrícola, a cascata e o Paço com todo o pormenor.

Não havendo grandes dúvidas em relação a estes factos e a toda a dedicação que D. Pedro aplicou nestas obras, é natural que o Paço e em especial a sua fachada fossem por si idealizados e executados segundo os seus desejos.

As decorações interiores, pinturas e revestimentos de azulejo foram, sem grande dúvida escolhidos por si.

Das pinturas já publicamos e sabemos o seu autor e a ligação que tinha à Casa Real.

Dos azulejos, que hoje conhecemos e que serão motivo de estudo e publicação próxima, pouco se sabe, mas o painel da entrada do Paço dá-nos algumas pistas.

Confesso que considerei D. Pedro III um personagem Real muitíssimo interessante na sua relação com a arte e também com os ambientes românticos da época.

Já falamos muitas vezes sobre o Mirante que D. Pedro mandou construir no Alto da Bela, que será motivo para um estudo pormenorizado a publicar em breve.

Era D. Pedro um homem culto, inteligente e amante da natureza.

Voltando ao Painel de azulejos da fachada do Paço identificamos duas cenas que eram muito apreciadas por D. Pedro.

No lado direito do edifício identificamos uma cena que mostra uma cena de luta entre dois animais. Do lado esquerdo da fachada podemos identificar uma cena bucólica dum jardim.

Analisando esta escolha dos painéis vamos ao encontro de dois grandes gostos do Rei:

Construção de jardins como Jardim da cascata em Caxias, Queluz e Bemposta todos têm uma parte significativa do gosto e dedicação de D. Pedro. Esta hipótese é credível e pode ser constatada ainda hoje.

Já a cena da luta de animais punha mais interrogações e, logo, dúvidas.

Poder-se-á questionar o porquê desta cena de luta.

Durante algum tempo achei que se trata-



va dum gosto (divertimento) algo estranho para ser colado ao Rei.

No entanto ao consultar as notícias da época na **GAZETA DE LISBOA**, as seguintes notícias:

Na quarta feira, dia 1 do mês de fevereiro de 1731, ***“a Rainha a Senhora Princesa e o Senhor Infante D. Pedro foram à Tapada onde estava o Príncipe e o Infante D. António. E viram o combate de hum Javali com hum Touro tam feroz que logo acometeu o seu contendor ...”***

D. Pedro tinha nesta altura 14 anos de idade.

No sábado, dia 16 dezembro de 1732, ***“A Rainha Nossa Senhora, os Príncipes, e o Senhor Infante D. Pedro se divertiram Sábado 26 do mês passado vendo na Real Tapada de Alcântara hum combate entre dois javalis e vários caens de fila, dos quais ficaram mortos dois pelo mais***

feroz, que depois foi morto à espingarda”.

No dia 4 de fevereiro de 1732, ***“A 4 foi a mesma Senhora com o Príncipe, e Princesa, e o Senhor Infante D. Pedro, e o Senhor Infante D. António, ver o combate de hum Touro com hum Javali, na Tapada de Alcântara”***.

D. Pedro tinha nesta altura 15 anos de idade.

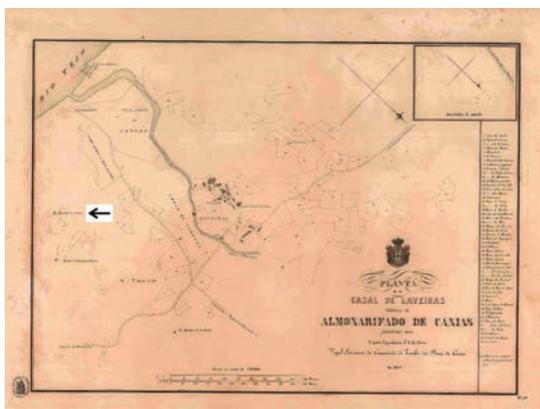
Faz sentido que D. Pedro tenha escolhido para decoração da fachada do Paço de Caxias dois temas que eram do seu gosto: jardins e lutas de animais.

Faz ainda mais sentido que esta hipótese seja confirmada pelas notícias que D. Pedro enquanto jovem, assistisse a essas lutas.

Parece ser logico imaginar que D. Pedro decorou a fachada do Paço com imagens de duas das suas grandes paixões.

MIRANTE DE CAXIAS

Sempre que aqui e além apareciam referências a um mirante integrado na Real Quinta de Caxias, sempre se pensava que a referência era feita ao Pavilhão da cegonha. De facto, a vista para o Tejo que do alto deste pavilhão se disfruta é, ainda hoje, de uma beleza tanto imponente como tranquilizante. Porém, o monte que a nascente da Quinta se levanta, limita as vistas para Oriente, inviabilizando, ou pelo menos limitando, a verdadeira assunção deste pavilhão como mirante.



Com a descoberta do documento *"Inventário dos Moveis existentes nas Reais Quintas de Queluz, Caxias e na Horta do Paço da Bemposta..."*, da autoria do Administrador Alexandre Rodrigues Ferreira e datado de 31 de Dezembro de 1798, as dúvidas sobre a existência de um Mirante foram totalmente desfeitas.

Não só passámos a termos a certeza de que o Mirante tinha existência própria, como ainda ficámos a conhecer o mobiliário que, na época, o guarnecia: *"4 Mesas à Grega, filetes, e ornato dourado; 12 Cadeiras pintadas de azul com filetes dourados; estufadas de Seda cor de Pérola,*

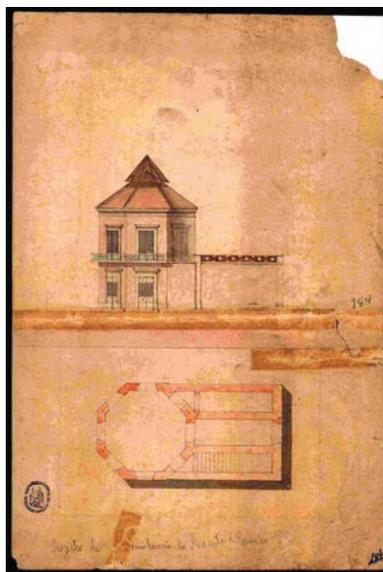
e gravação dourada; 12 Capas de Hollanda para cubrir as ditas; 1 Retrete cuberta de Seda".

Com este "simples" documento excluímos em definitivo o Pavilhão da Cegonha e abraçámos a existência de um Mirante.

O passo seguinte seria saber onde ficava.

Da observação da *"Planta do Casal de Laveiras pertença do Almojarifado de Caxias levantada pelo Capitão Engenheiro J.A. de Abreu Vogal Secretário da Comissão do Tombo dos Bens da Coroa Em 1844"*, conheceu-se finalmente a localização do Mirante de Caxias a Nordeste da Quinta.

Ao mesmo tempo foi encontrado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT) um desenho da planta e alçado do Mirante de Caxias. Este desenho tem uma legenda escrita a lápis *"Projecto de Reconstrução do Mirante de Caxias"*.



Com ele, tentámos reinventar a estrutura do Mirante, construindo uma maquete à escala

onde se poderá rever o Mirante no seu aspecto original.

Naturalmente que se tratando duma legenda da época e como se refere a uma reconstrução, era necessário ter alguma precaução e reserva, pois, poderia ser um projecto que nunca tivesse passado do lápis ao tijolo.

No entanto, quando se observa a gravura da pág. 369 do *Archivo Pittoresco Volume VI – 1863*, identifica-se a fachada sul do Paço e uma construção no cimo dum monte como sendo o Mirante de Caxias.

A continuidade das buscas quer na Biblioteca da Ajuda quer no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, permitiu-nos refazer a história do desconhecido mirante de Caxias.

Grande parte da documentação agora conhecida está contida em vários relatórios da autoria do Arquitecto J Silva (Joaquim Posidonia Narciso da Silva), naid a 15 de maio de 1806 e falecido a 23 de março de 1896), feito enquanto membro da Comissão dos Bens da Coroa no ano de 1848.

Vejamos então a sua história.

Ela começa no reinado de D. Maria I e por envolvimento direto de seu tio e marido D. Pedro III, Rei consorte.

D. Pedro III adquiriu um moinho no Alto da Pena ao seu proprietário Lourenço Pereira que recebeu 600 mil reis como indemnização.

O mesmo Lourenço Pereira construiu um novo moinho um pouco mais para-Norte.

Ao que se sabe foram gastas grandes somas além desta quantia inicial na construção “deste belo edifício”.

Quanto ao registo de obras nada conseguimos apurar. Aparece um documento datado de 1784 fornecendo vidros e vidraças para o Miran-

te. Este fornecimento é feito pelo Sargento-mor Mateus Vicente de Oliveira, Arquitecto, que criou o projeto da Quinta Real de Caxias, para além de ser particular amigo de D. Pedro III.



Parece-nos interessante notar que por estas datas, mais precisamente durante os anos de 1777 e 1778, grandes obras estariam a decorrer na Cascata e Jardim.

Uma parte do gesso utilizado nestas obras foi fornecido por Robillon, então responsável pela construção do Palácio de Queluz junto com Mateus Vicente de Oliveira e também por ordem de D. Pedro III.

Em Maio de 1795 eram pagos salários a um funcionário da Quinta, António da Roxa, como guarda do Mirante. Este facto pode indicar que as obras já estariam a decorrer ou mesmo na fase de acabamentos.

Em Janeiro 1796 foi adquirido azeite para iluminação do Mirante o que leva a supor que estaria já habitável.

Em Novembro de 1797 foi paga uma verba inicial de 63.600 reis destinada à pintura do Mirante incluindo as grades de ferro.

Em Janeiro de 1798 foram pagos os restantes 61.400 reis referente a estes trabalhos.



Parece-me que poderemos apontar então para o início das obras do Mirante o ano 1784. Estas ter-se-iam arrastado até 1795, época em que a obra estaria na fase de acabamentos e já com portas e janelas colocadas, para afirmarmos que em Janeiro de 1798 estaríamos na fase

de acabamentos finais externos e internos.

No 2º testamento de D. Pedro III encondromas a descrição das pinturas no interior do Mirante:

“Assim mais um Mirante de figura sextavada com dois planos um alto e outro baixo escada de pedraria com sua verandas no plano alto que serve de entrada, e assim mais com a sua com roda por fora com grades de ferro: É guarnecida de talha dourada em cima com a Fabula de Apolo com pinturas de Artes Liberais em torno da casa; e em baixo com a Fabula da Lua e pinturas com génios que representam trabalhos campestres guarnecidos de talha dourada; O tecto da casa da entrada é pintado com decoração de marinhos.”

As datas acima deduzidas são coerentes com o inventário de 31 de dezembro de 1798 que pressupõe um Mirante acabado e equipado com o mobiliário descrito nesse mesmo documento.

A longevidade não foi um dos atributos deste Mirante que se nos apresenta com uma localização e uma estética assinalável.

No “Registo dos officios expedidos da Comissão do Tombo dos Bens da Corôa do Anno 1843” encontramos uma carta datada de 31 de Janeiro de 1845, onde são referidos problemas com o património da Casa Real em especial da Quinta de Caxias e do seu Mirante. Nela nos relata o Arquitecto Possidónio da Silva, na qualidade de membro da Comissão do Tombo dos bens da Coroa, o seguinte:

a) A construção do Mirante custou grandes somas e na época já não tinha vidros e faltavam portas e janelas. Tudo isto resultado de furtos e da falta de vigilância.

b) A Comissão entende que este belo “edificio deve ser effectivamente conservado, por ser

um sítio de recreio, com excelente e magnífico ponto de vista”

c) ..., *senal trigométrico da triangulação de segundo ordem da Carta do Reino, sobretudo ponto de marca para a entrada dos navios na barra do Tejo;*

d) A comissão entende que a causa primeira para a delapidação do Mirante tem sido a falta de meios postos ao serviço da protecção do Mirante.

e) Por último a Comissão propõe ao Governo a permanência da dum Destacamento da Companhia de Veteranos de Barcarena ou de qualquer outro Corpo, especialmente encarregado da guarda e conservação daquele edifício.

Dois anos antes, em 1843, Possidónio da Silva escrevia:

“A porta da entrada, que é de madeira do Brasil, pode servir com os necessários concertos, e nova ferragem, porque a antiga se acha oxidada.

Lateralmente à porta de entrada há duas janelas retangulares de 0,95 metros de largura e 1,97 metros de altura.

Nos lados do nascente e poente há quatro janelas, também retangulares (duas em cada lado) de 1,26 metros de largura e 2,00 metros de altura.

No corredor da entrada há duas portas à direita retangulares de 1,33 metros de largura, e 2,44 metros de altura. No octógono do pavilhão há três portas no pavimento e cinco janelas de 1,33 metros de largura, e 2,79 metros de altura com verga de volta.

No octógono do pavimento alto há o mesmo número de portas e janelas, com a mesma lar-

gura, e de 2,83 metros de altura por ser diferente a curvatura da verga.”

A degradação parecia não ter retorno.

Vinte anos mais tarde, em 1863, O *Archivo Pittoresco* publica a descrição da Quinta e apresenta uma gravura com a representação do Mirante ao fundo, no cimo dum monte. O autor refere-se ao Mirante nestes termos: “Sobre o monte mais alto desta quinta está um mirante, hoje muito deteriorado, donde os olhos relanceiam muito mais vasto e variado painel, que do Pavilhão da cascata, ao qual dão bastante realce Lisboa e a Serra de Cintra”.

Neste mesmo ano, em abril, foram adquiridos a Francisca Maria da Luz, viúva de José Gonçalves, terrenos para o domínio particular de Sua Majestade.

Estes foram comprados ao Visconde da Fonte Arcada, entre outros e foram adicionados aos terrenos do Mirante e logradouro para construção dum muro de protecção.

Estes mesmos terrenos iriam ser expropriados para a construção da Fortaleza de Caxias e, mais tarde, foram vendidos ao Ministério da Guerra em 29 de Maio de 1878 cuja escritura foi outorgada em Outubro do ano seguinte.

Em tempos de fim de vida serviu de farol da entrada da barra de Lisboa e está dentro do recinto onde foi construída a Fortaleza do Alto de Caxias.

Não podemos deixar de o descrever para memória futura.

De acordo com as fontes iconográficas disponíveis, o edifício seria constituído por dois volumes – a torre “propriamente dita”, com forma prismática e base octogonal e um corpo de apenas um piso, com planta rectangular e cobertura plana.

A torre, de planta octogonal, com dois pisos e cobertura piramidal aparentemente coroadada por

lanterna no cume, possuiria vãos em todas as suas faces – oito portas no piso térreo e oito janelas de sacada no piso superior. As suas fachadas exteriores seriam guarnecidas com cantarias em socos, faixas e frisos, e, em ombreiras, vergas e sobre-vergas dos vãos, e sacadas e balaustradas das janelas do piso superior.

A entrada principal do edifício localizar-se-ia no já referido volume paralelepípedo adossado à torre, pelo lado Norte. Esse volume, de planta rectangular, longitudinalmente orientada Norte-Sul, possuía três compartimentos, dispostos segundo a mesma orientação: ao centro, o corredor de acesso ao interior da torre, a partir da entrada principal; do lado Oeste, um compartimento fechado, com acesso a partir do interior da torre; do lado Este, a escada de acesso ao terraço, à qual também se acedia pelo interior da torre. O terraço seria protegido por um parapeito decorado, à altura das balaustradas da torre. Exteriormente, as suas fachadas seriam guarnecidas por cantarias em socos, faixas e pilastras.



MIRANTE c. 1862

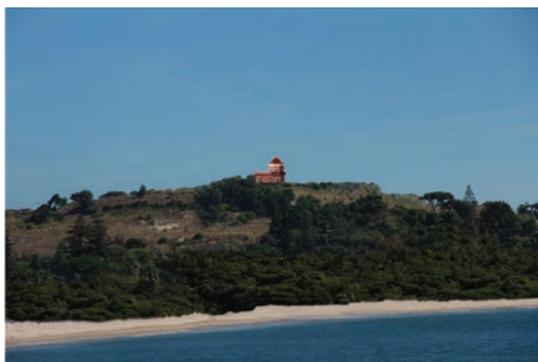
Relatório sobre o estado de conservação

do Mirante

Arq. Possidónio da Silva

Mirante de Caxias

(Relatório de Possidónio da Silva c.1843)



ORÇAMENTO DE QUANTO IMPORTARÁ A CONCLUSÃO DO MURO DE CIRCUNVALAÇÃO, QUE DEVE COMPREENDER O MIRANTE DE CAXIAS

(Ideia geral a respeito desta obra)

O Mirante situado no Alto da Bella, sobranceiro à Quinta Real de Caxias pelo lado do nascente, mandado edificar por El Rei D. Pedro III com sumptuosidade e riqueza, acha-se há muito em estado de ruína, tendo sido roubadas as portas e janelas, e delapidadas as cantarias, começando ultimamente o roubo das madeiras dos assoalhados:

Pavimento alto (2º piso?)

Janelas com altura 283 cm x 133cm

3 portas de entrada e 5 janelas porta 193cm

Pavimento baixo

Degraus nas janelas do pavimento e engradamento em torno do edifício.

Caixilhos, portas e vidraças em toda parte

Solho da casa de baixo e concreto no de cima

Vender o ferro da varanda superior e mandar

fazer uma de ferro fundido com esteios de ferro batido. Caixilhos, vidraças e portas nas 2 janelas.

A porta de madeira do Brasil precisa de ferragem nova.

Os caixilhos e varanda aproveita-se a madeira do Brasil em bom estado.

Porta nova para aproveitamento do vão de escada.

No pavimento alto podem substituir as obras de talha, e forrar-se a madeira de lona pintada assim como a talha do teto.

A varanda do plano superior pode-se aproveitar parte da madeira que é do Brasil, e precisa de caixilho nos três lados e concertados os parapeitos.

O guarda pé da casa de entrada parece que pode conservar-se

Grade para a escada.

MIRANTE DE CAXIAS

A cantaria de todas as portas e janelas acha-se mutilada somente nos lugares, onde os parafusos dos caixilhos foram chumbados.

Está, contudo, muito bem conservada e facilmente se remediará aquele defeito, entalhando-se cunhos nos lugares mutilados abrindo-se os furos para os parafusos um pouco para cima ou para baixo do cunho um suplemento de cantaria em consequência.

Proponho que o Almoxarife seja encarregado de chamar o canteiro, que recomendo por ter nele confiança, para lavrar e muito efetivamente os cunhos, o que se pode fazer desde já sem inconveniente, sendo dirigido neste trabalho pelo mesmo Almoxarife.

Quanto às portas, janelas, caixilhos e vidraças precisa-se de tudo à exceção da porta de entrada, que é de madeira do Brasil, e que pode servir com pequenos concertos, e nova ferragem, porque a antiga se acha oxidada.

Lateralmente à porta de entrada há duas janelas retangulares de 95 cm de largura por 197 de altura.

Nos lados de nascente e poente há quatro janelas duas de cada uma também retangular de 126cm de largura por 200 cm de altura.

-No corredor de entrada há duas portas à direita retangulares de 133cm de largura e 244 de altura.

- No octógono do pavilhão há três portas no pavimento baixo, e cinco janelas de 133cm de largura e 279cm de altura com verga de volta.

- No octógono pavimento alto há o mesmo número de portas e janelas com a mesma largura, e 283 de altura por ser diferente a curvatura da verga.

Proponho que o mestre Paixão seja encarregado da construção das 8 portas e 16 janelas e dos competentes caixilhos e vidraças, que se podem fazer desde já, para se apresentarem quando estiver concluída a circunvalação do Mirante.

Na entrada da porta superior do pavilhão octógono há uma guarnição de madeira do Brasil com pilares?? de ferro, e caixilhos para vidraças, tudo em muito mau estado, podendo, contudo, em parte ser aproveitada e concertar-se.

Quanto ao soalho precisa de ser todo feito de novo em ambos os pavimentos, octógonos que medem cada um 638cm de vão e as duas entradas 715 cm de comprimento por 4 de largura compreendendo a divisão lateral no pavimento baixo.

Proponho, que o Mestre Paixão se vá ocupando de preparar a madeira necessária.

Na sacada do pavimento alto há uma varanda de ferro, e uma guarda também em ferro na escada que lhe dá acesso, que precisam de ser substituídos.

Proponho, que se encomendem as novas varandas de ferro fundido com esteios de ferro batido, dando-se um desconto as antigas - trabalho, que se pode ir também adiantando.

Sala da Comissão 7 de Novembro de 1862.

A CONCHA, “Ex-Libris” DOS OCEANOS

Uma história com 500 milhões de anos



*Para lá logo a proa o mar abriu,
Onde a costa fazia uma enseada
Curva e quieta, cuja branca areia
Pintou de ruivas conchas Cythereia.*

Os “Lusíadas”, Canto IX, LIII

Xenophora pallidula

Por José Duarte Moreira Rato

I - INTRODUÇÃO

Quem, ao caminhar ao longo de uma praia, não recolheu e guardou uma ou mais conchas que o mar trouxe até à borda de água, umas com cores brilhantes, outras já baças e por vezes partidas?

Cada uma dessas conchas tem a sua própria história, história que começou a partir de uma minúscula larva nascida de um ovo, que depois de transportada durante dias ou até meses ao sabor das correntes, acabou por se fixar numa rocha perto da borda de água ou por se instalar no fundo do mar.

Alimentou-se e foi crescendo, segregando uma

dura cobertura à volta de si mesmo e ao atingir um tamanho visível, transformou-se no tema das linhas que se seguem - A Concha, “Ex-Libris” dos Oceanos (expressão latina que significa “dos livros” e que neste caso se pode traduzir por “dos mares”), como muito bem lhe chamou Rocha de Macedo, nos excelentes artigos publicados em 1996 na “Revista da Armada”.

Sem qualquer pretensão de carácter científico, as linhas que se seguem não pretendem mais do que dar ao leitor uma ideia mais ou menos generalizada do “Maravilhoso Mundo das Conchas”.

Seja em termos de sub-

sistência, seja por razões de ordem científica, económica, artística, cultural, religiosa, política e até de carácter social, desde tempos remotos que as conchas sempre desempenharam um importante papel na vida da Humanidade.

Em termos sociais, no arquipélago da Melanésia, mais concretamente nas ilhas Fiji e Vanuatu, situadas na fronteira entre o Oceano Pacífico e o Oceano Índico, como símbolo de chefia e poder, só os chefes e altos dignitários podiam ter na sua posse a concha vulgarmente conhecida por “Porcelana Dourada” - *Cypraea aurantium*.

No Japão, onde desde

tempos remotos os Imperadores possuíam e continuam a possuir uma das maiores e mais completa coleção de conchas do país e do mundo, existiu uma rigorosa lei, determinando que a concha rara, denominada “Concha do Imperador” - *Pleurotomaria hirasei*, sempre que apanhada, deveria ser obrigatoriamente entregue àqueles, únicos japoneses que a podiam ter em seu poder.

No antigo Congo, entre o “Povo das Conchas Cauri” - os “Baapash”, somente as personalidades de linhagem real podiam ter em seu poder, usarem ou ostentarem as “Cauri”, conchas da família das cipreias.

Na Nova Guiné, a posse das conchas *Ovula ovum* e *Pinctada margaritifera*, eram símbolo de riqueza e poder.



Fig. 1 - A “*Petrochus africanus*, muito semelhante à *Pleurotomaria hirasei*, a denominada “Concha do Imperador”, a “Porcelana Dourada”, *Cypraea*

aurantium”, uma “Cauri”, a *Cypraea annulus* e as *Ovula ovum* e *Pinctada margaritifera*

II - AS CONCHAS, O SEU COMPORTAMENTO E HABITAT

A concha dos moluscos, invertebrados de corpo mole, designação proveniente da palavra grega *Malákos*, pertencem ao segundo maior grupo do reino animal, com cerca de 130 mil espécies diferentes; é normalmente formada por carbonato de cálcio segregado pelo próprio animal e tem como principal objetivo a sua protecção. Para fornecer uma resistência adicional à concha, o animal segrega ainda ingredientes de origem proteica, a conquiolina e a calcite, quer nas camadas externas, quer nas intermédias.

Ao atingir a maturidade, um molusco gastrópode (constituído por uma só peça), desenvolve tentáculos, olhos, brânquias, um sifão, um pé largo e carnudo e um opérculo; um molusco bivalve (constituído por duas peças, as valvas), desenvolve um pé pequeno e carnudo, brânquias, sifões, um manto e tentáculos sensoriais.

Quer os gastrópodes,

quer os bivalves, possuem aparelhos circulatório, digestivo e reprodutor.

Fig. 2 - Características dos gastrópodes

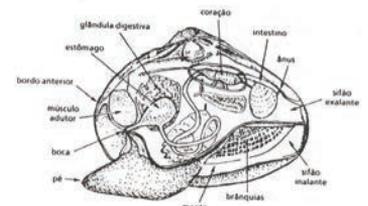
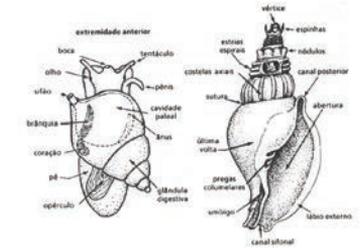


Fig. 3 - Características dos bivalves

Fig. 4 - Um gastrópode (*Conus abbas*) e um bivalve (*Tapes literatus*)



Quase todas as conchas se reproduzem por ovos, geralmente com forma oval, embora nalguns casos possam apresentar o aspecto de um fio de esparquite, fino e comprido; na sua maioria, as conchas

vigiam os ovos após a postura e é vulgar observar a fêmea das cipreias em cima dos mesmos.

Depois da postura, as pequenas larvas que eclodem dos ovos são transportadas pelas correntes oceânicas durante dias ou até meses, instalando-se posteriormente, ou nas rochas costeiras ou no fundo do mar, transformando-se em miniaturas da sua forma adulta.

Crescem e podem viver 5 a 6, por vezes 20 ou mesmo 30 anos.

O carbonato de cálcio que vai formando a concha e concentrado no “manto”, é retirado, ou da sua alimentação ou directamente da água do mar.

Embora não seja igual em todas elas, o crescimento das conchas passa por diversas fases, é rítmico e contínuo e quando adultas apresentam uma enorme variedade de formas e cores.

A maior parte das conchas da família *Muricidae*, por exemplo, possuem três estrias por volta, embora por vezes possam ter mais de oito, enquanto na família *Bursidae*, a maior parte delas não possui mais de duas.



Fig. 5 - Exemplos da família *Muricidae*

Nas conchas da família *Strombidae*, as formas são diversas, desde a *Tibia fusus* até ao *Strombus listeri*, passando pelas conchas do género *Lambis*, nas quais e só no estado adulto surge um lábio forte com longos espinhos.



Fig. 6 - Exemplos da família *Strombidae*

Nas conchas da família *Cypraeidae*, os dentes dos lábios só aparecem quando atingem a fase adulta.



Fig. 7 - Exemplos da família *Cypraeidae*

Muitas conchas apresentam por vezes uma cobertura exterior, denominada “perióstraco”, a qual e quando a concha é tirada da água, seca e cai, embora e nem sempre, com facilidade; existem conchas que nunca criam aquele género de cobertura exterior, como acontece nas *cipreias*, *olivas* e *volutas*.



Fig. 8 - Exemplos da família *Volutidae*

Fig. 9 - Exemplos da família *Olividae*



Para se protegerem, muitos gastrópodes possuem uma espécie de tampa que tapa a abertura da concha, denominada “opérculo”; existem espécies que ou não possuem opérculo ou têm-nos muito reduzidos, como acontece com as conchas da família *Conidae*.



Fig. 10 - Opérculos bem visíveis em *Rapana rapiformis*, *Bolinus cornutos*, *Tibia insulaechorab*, *Voluta africana*, *Turbo petholatus*, *Barlomurex indicus*



Fig. 11 - Exemplos da família *Conidae*

As conchas são geralmente seres bênticos, ou seja, habitam os fundos oceânicos, desde o nível atingido pela maré-alta, até grandes profundidades. Existem conchas flutuantes da família *Janthinidae*, que vivem ao cimo de água e se deslocam ao sabor dos ventos e das correntes e que para flutuarem possuem bolhas de ar, onde nas épocas de postura depositam os ovos.

De acordo com as diferentes espécies, vivem em fundos rochosos, coralígenos, arenosos e lodosos; é

nos recifes de corais que normalmente se encontram as mais bonitas e de coloração mais viva, embora existam conchas com as mesmas características que vivem noutros fundos, nomeadamente em grandes profundidades.

Fig. 12 - Uma concha recolhida



a 600 metros de profundidade (*Marginella pringlei*), uma concha recolhida numa zona a descoberto durante a baixa-mar (*Patella depressa vatheleti*), uma concha flutuante (*Janthina janthina*)

As conchas possuem uma mobilidade muito diversa: reduzida nos gastrópodes e em certos bivalves, como é o caso das ameijoas; velocidade notável, como acontece com as vieiras e similares; nula, como acontece com os mexilhões, fixas no substrato.

Fig. 13 - Conchas com velocidades notáveis - *Pecten jacobaeus*, *Haumea loxoides*; conchas com velocidade reduzida - *Cypraea arabica* e *Haliotis assi-*

nina; conchas com velocidade nula - *Chlamis pallium*, *Pteria peasei*, *Perna viridis*, *Pinna bicolor*, *Pteria hirundo*

As conchas, são confor-



me as espécies, vegetarianas ou carnívoras e estas últimas alimentam-se por vezes de matéria em putrefação. As terebras (família *Terebridae*), os turrídeos (família *Turridae*) e principalmente os cones (família *Conidae*), são carnívoras e matam as suas presas injectando-lhes veneno através de uma espécie de arpão; enquanto nas terebras e turrídeos, embora a picada possa ser dolorosa, o veneno não é perigoso para o ser humano, no caso dos cones, a sua picada pode provocar dores insuportáveis, existindo mesmo animais desta família, em que a picada pode ser mortal, nomeadamente a do *Conus geographus* - "Cone Assassino"; anualmente, registam-se casos mortais provocados pela picada

desta concha e se mais não existem, deve-se à timidez do animal, que é normalmente, quando tocado, prefere refugiar-se dentro da concha.

Figura 14 - A *Terebra dimidiata* (Terebridae), a *Turris crispata*



(Turridae) e o *Conus geographus* - o “Cone Assassino” (Conidae)

As conchas têm uma distribuição geográfica de amplitude muito variada; existem as espécies “cosmopolitas”, que se distribuem por várias regiões e oceanos, as de distribuição menos extensa, só ocorrendo em algumas regiões, como é o caso do *Conus milneedwardsi*, que, entre outras regiões ocorre na costa de Moçambique e ainda aquelas de distribuição muito restrita, as “endémicas”,

nomeadamente a *Cypraea fultoni*, concha rara, que só ocorre na costa sul de Moçambique e na zona adjacente, a costa norte do Natal, na África do Sul.

Fig. 15 - O *Conus milneedwardsi* e a *Cypraea fultoni*



E porque todas as espécies se adaptam a uma enorme variedade de condições de vida, a distribuição das conchas faz-se segundo um padrão próprio, subdividindo-se os oceanos e de acordo com o padrão das espécies que neles vivem, em “Províncias”.

A costa portuguesa, por exemplo, pertence à Província Mediterrânica, que engloba todo o Mediterrâneo, o Mar Negro, os Açores, Madeira e Canárias, a baía da Biscaia e estende-se até ao sul de Marrocos; a costa de Moçambique pertence à Província Indo-Pacífica, a de Angola à Província da África Ocidental, a do Brasil, desde o Rio de Janeiro para norte, à Província Caraibiana e assim sucessivamente.



Fig. 16 - Algumas das conchas que ocorrem nas costas marítimas continental e insulares portuguesas

Na figura 16, podem ser observadas as seguintes conchas, indicando para algumas delas, o local e profundidade de recolha: *Pteria hirundo* (Fuzeta, Algarve, a 570 metros); *Patella caerulea stellata* (ilha da Madeira); *Scaphander lignarius* (sul do Algarve); *Colus jeffreysianus* (ao largo de Peniche, 450 metros); *Cymbium olla* (sul do Algarve, 102 metros); *Charonia tritonis variegata* (ilha da Madeira); *Neptunea contraria* (sul de Caminha, 80 metros); *Voluta priamus* (sul de Portimão, 225 metros); *Glycymeris glycymeris* (sul do Algarve); *Buccinum humphreysianum* (NW de Sines, 515 metros); *Acanthocardia tuberculata* (sul de Lagos); *Terebratulita vitrea* (cabo de Santa Maria, Algarve, 630 metros); *Xenophora crispa* (Armação de Pêra, 170 metros); *Solecurtus strigilatus* (costa ocidental do continente); *Conus mediterraneus* (ria de Faro); *Anomia ephippium* (praia da Salema, Algarve); *Venus casinus* (ilha de Porto Santo); *Diodora*

italica (sul do Algarve); *Patella rustica* (Zambugeira do Mar); *Aporrhais serraianus* (sul de Lagos, 310 metros); *Aporrhais pespelecani* (costa oeste do Algarve, 300 metros).

Nota: A *Terebratula vitrea* - embora possa ser considerada como concha, não é um molusco.

III - A SISTEMÁTICA

Como prova do interesse que desde sempre a descrição das conchas despertou no ser humano, referiremos Aristóteles, o célebre filósofo grego que viveu entre 384 e 322 a.C. e que num dos seus documentos que chegaram aos nossos dias, descreveu o “Nautilus” - *Nautilus pompilus*, concha que havia trazido de uma das suas viagens, descrição que e embora com alguns erros de carácter científico, se manteve válida durante muitos séculos.

Com conceitos muito avançados para a época, a descrição do “Nautilus” feita por Aristóteles, serviu de base no século XIX a uma gravura executada pelo naturalista Cassel, na sua obra “História Natural”.



Fig. 17 - O *Nautilus pompilus*

No século II a.C., registos históricos referem os cônsules romanos *Laclinus* e *Scipio*, como colecionadores de conchas, passatempo a que atribuíam efeitos “anti-depressivos”.

Em Pompeia, as conchas foram alvo do interesse de alguns dos seus habitantes, facto comprovado com o aparecimento de colecções de conchas nas ruínas daquela cidade soterrada pela lava do vulcão Vesúvio, no ano 79 da nossa era.

Na Europa e até ao século XVI, só eram conhecidas as conchas existentes no Atlântico leste e no Mediterrâneo, mas com os Descobrimentos marítimos portugueses e a posterior expansão do mundo ocidental para novos mares e continentes, foram-se conhecendo novas e variadas espécies de conchas, vendo-se o homem, principalmente entre os naturalistas, na necessidade de as iden-

tificar, actividade que e não existindo qualquer sistema padrão de apoio, se tornava como se pode imaginar, uma prática verdadeiramente ciclópica.

Foi somente a partir da publicação no século XVIII da obra “Systema Natural” do sueco Carolus Linnaeus, médico, botânico e zoólogo, que padronizando em termos globais se iniciou um sistema efectivo de identificação, nomeadamente a zoo-nomenclatura da botânica e dos moluscos.

Os moluscos possuidores de conchas, distribuem-se por 5 Classes diferentes:

Gastrópodes - cerca de 80 a 90 mil espécies;



Fig. 18 - Exemplos de gastrópodes

Bivalves - cerca de 20 a 30 mil espécies;

É desta Classe que faz parte a maior das conchas, a Tridacna Gigante - *Tridacna gigas*, que pode atingir 1,7 metros de diâmetro e

A CARTUXA - V

mais de 220 quilos de peso; esta concha pode ser comparada ao fóssil "Nautili", existente há 360 milhões de anos e que atingia os 2,4 metros de diâmetro;



Fig. 19 - Exemplares de bivalves

Poloplacóforos - cerca de 800 espécies; esqueleto formado por 8 placas (parecem bichos de conta);

Cefalópodes - cerca de 700 espécies; com concha externa ou concha interna;

Escafópodes - cerca de 500 espécies; conchas tubulares, abertas nas duas extremidades, em forma de dentes de elefante.

Fig. 20 - Um Poloplacóforo - *Chiton articulatus*; dois Cefalópodes - *Ar-*



gonauta hians (concha externa) e *Spirula spirula* (concha interna); três Escafópodes - *Dentalium aaprinum*, *Dentalium vernedei* e *Dentalium weikauffi*

As Classes subdividem-se segundo critérios anatómicos em Ordens e Famílias, que por sua vez se distribuem por numerosos Géneros, os quais englobam a unidade taxonômica fundamental, a Espécie (esta pode ainda subdividir-se numa ou mais subespécies).

Numa classificação sumária de uma concha, identifica-se o Género, a Espécie e se for o caso, a subespécie, o nome do sistemata que a classificou e o ano em que a mesma foi realizada.

Exemplo: *Terebra triseriata*, Gray, 1834

Género: *Terebra* Espécie: *triseriata* Sistemata: Gray Ano: 1834



Fig. 21 - *Terebra triseriata*, Gray, 1834

A designação do nome da Espécie, tem muitas vezes a ver com o seu formato, a sua cor, o local em que foi recolhida, o nome do Sistemata que a identificou pela 1ª vez, como reconhecimento ou homenagem a alguém e até pela época em que foi classificada pela 1ª vez.

São exemplos:

- Formato: *Distorsio anus* - esta concha tem o aspecto de um ânus distorcido;
- Columbarium pagoda* - lembra um pagode chinês;
- Voluta ebraea* - os desenhos na sua face externa, fazem lembrar a escrita hebraica;
- Mitra mitra* e *Mitra papalis* - lembram as mitras eclesiásticas;
- Lopha cristagalli* - lembra a crista de um galo;
- Cypraea mappa* - os desenhos na sua face superior fazem lembrar um mapa;
- Lioconcha castrensis* - os desenhos lembram a disposição dos exércitos no campo de batalha.



Fig. 22 - *Cypraea mappa*; *Columbarium pagoda*, *Lioconcha castrensis*; *Mitra mitra*; *Voluta*

ebrea; Mitra papalis; Lophocristagalli; Distorsio anus

- Cor: *Cypraea aurantium* - apresenta uma coloração dourada; *Conus arenatus* - apresenta semelhança com a cor e aspecto da areia.

- Local: *Petrochus africanus*, *Patella natalensis* - são típicas da região sul-africana do Natal; *Naquetia annandalei* - típica do mar de Andaman, Índia.

Localmente, as conchas são conhecidas por nomes vernáculos, como acontece em Portugal, onde as conchas da família *Cypraeidae* são por vezes designadas por "Porcelanas".

Quando os navegadores portugueses começaram a atingir pelas primeiras vezes os mares e terras do Oriente, ao tomar contacto com as porcelanas chinesas, pensaram que estas eram executadas a partir das conchas das cipreias a que eles tinham fácil acesso naquelas longínquas paragens, razão pela qual começaram então a designá-las por "Porcelanas".

- Nome do Sistemata que a identificou - *Cypraea fultoni amorimi* - esta concha, uma subespécie da *Cypraea fultoni*, foi identificada pela 1ª vez por um conquiologista

moçambicano de nome Amorim.

- Homenagem e época em que foi classificada - *Conus ammiralis* e *Conus generalis* - nomes que referenciam almirantes e generais dos locais longínquos onde as conchas foram referenciadas pela 1ª vez.

Recentemente, surgiram novas conchas, uma delas identificada pelo conquiologista português Herculano Trovão, que querendo homenagear um amigo, colecionador de conchas, Jorge Albuquerque de seu nome, pioneiro e pai do mergulho desportivo em Portugal, deu-lhe o nome de *Conus albuquerquei*.



Fig. 23 - *Conus generalis maldivus*; *Conus ammiralis*; *Conus generalis*; *Conus arenatus*; *Conus albuquerquei*; *Conus gubernator*; *Cellana natalensis*; *Naquetia annandalei*

IV - A CONCHA E A HUMANIDADE

Desde tempos remotos

que os seres humanos sempre aproveitaram as conchas como meio de subsistência. Embora hoje em dia sejam consumidas nas sociedades mais evoluídas como um produto gastronômicamente requintado (quem não aprecia um bom prato de amêijoas à Bolhão Pato ou uma boa Cataplana), elas continuam a constituir para muitos povos do terceiro mundo, um produto importante, por vezes um dos escassos meios de sobrevivência.

Em 1982, durante a guerra civil em Moçambique, quando se tornava difícil e perigoso para as populações ribeirinhas procurarem alimentação no interior do território, observámos muitas vezes a sul da ilha de Moçambique, na baía de Mocambo, centenas de mulheres e crianças a apanharem na praia um bivalve parecido com as nossas conquilhas, que segundo elas nos diziam, constituíam o seu quase único meio alimentar não vegetal.

Sempre foram e continuam a ser muitas, as interligações entre as conchas e a humanidade:

- **Em termos de subsistência e alimentação**
Em muitas escavações

levadas a cabo em locais de eras pré-históricas denominados “concheiros”, é vulgar encontrarem-se conchas como resíduos da alimentação daqueles nossos ancestrais; em Portugal (entre outros), são exemplos típicos dos ditos locais, os localizados em Leceia, concelho de Oeiras, em Muge, Magos e Vale do Sado.

E como apoio aos meios de subsistência, não nos podemos esquecer do “anzol”, artefacto que em tempos remotos era manufacturado pelo o homem utilizando as conchas como material.

Nas últimas civilizações do paleolítico surgiu uma importante invenção, o anzol, artefacto que separou em definitivo a caça da pesca.

Naqueles tempos, o anzol não era mais do que uma pequena haste farpada em madeira, evoluindo sucessivamente para a utilização de peças de sílex com duas ou três pontas e posteriormente e utilizando material mais fácil de moldar, ossos e conchas, possibilitando que os mesmos tomassem a forma curva dos nossos dias.

Como já foi referido, os

moluscos com conchas, ainda hoje desempenham um importante papel na subsistência de populações do terceiro mundo, constituindo por vezes um dos escassos meios de sobrevivência.

- **Em termos económicos**

Em muitos países, as conchas são consideradas um produto gastronómica-mente requintado. Como exemplo podemos mencionar as amêijoas em Portugal, as “coquiles de St. Jacques” (vieiras) e as ostras em França, os mexilhões na Bélgica, os “abalones” nos EUA e no Canadá, de onde se extraem uns bifes muito apreciados naqueles países, os “turbos” na África do Sul e as cipreias tigre no Japão, que assadas vivas são uma iguaria cara e muito apreciada.

A procura desenfreada destes produtos alimentares deu azo a grandes investimentos, não só na construção de frotas pesqueiras que se dedicam exclusivamente à sua captura, como no desenvolvimento de uma indústria de moluscicultura (cultura artificial de moluscos), actividades com enorme importância económica, quer nos países,

quer das populações que se dedicam a estes tipos de actividade profissional; a cultura das amêijoas no Algarve, essencialmente virada para a exportação, a cultura do mexilhão em Espanha e Portugal, a cultura de vieiras em França e dos “abalones” no Canadá, são entre muitos outros, exemplos a apontar.

Mas o aproveitamento económico das conchas já vem desde há muito.

No Mediterrâneo, a partir de 1000 anos a.C. e durante séculos, os fenícios desenvolveram uma indústria que utilizava as conchas da espécie *Bolinus brandaris* na produção de um líquido corante para tingir tecidos, conhecido por “Púrpura de Tiro”.

Esmagadas, trituradas e depois cozidas, aquelas conchas depois de secas ao sol, produziam o referido líquido, utilizado para tingir as togas dos senadores e cônsules romanos, vestes de altos dignitários religiosos e militares e tecidos destinados às populações mais abastadas; ainda hoje é tradicional entre os povos mediterrânicos, a utilização da cor púrpura para a manufactura de vestes religiosas e militares.

Aquela indústria prolongou-se até ao reinado de Carlos Magno, rei dos Francos e imperador do Ocidente, que viveu entre 742 e 814 d.C., indústria que se extinguiu devido ao progressivo desaparecimento da matéria prima, o *Bolinus brandaris*, o que não é de espantar, tendo em conta que para se obter 1 grama daquele corante, eram necessárias 8 mil conchas.

Também no Mediterrâneo, principalmente em Taranto e na Sicília, desenvolveu-se na mesma época e durante largos tempos, uma indústria que utilizava os “bissus”, palavra que deriva do termo grego “bussos” e que significa “filamentos dourados”; os “bissus”, são filamentos que se podem extrair de uma concha da espécie *Pinna nobilis*, com os quais a mesma se fixa no fundo do mar e com os quais se confeccionavam luvas, muito apreciadas na Grécia, onde eram preferidas às luvas de seda.

Fig. 24 - Um mexilhão, *Mytilus*



edulis, um turbo, Turbo sarmaticus, um abalone, Haliotis rufescens, uma pina, Pinna pectinata, semelhante à Pinna nobilis, o Bolinus brandaris e um abalone, Haliotis sorenseni

O mergulho para a recolha de ostras, de onde se extraem as pérolas, constituiu e continua a constituir uma actividade frequente e muito lucrativa entre os povos orientais, nomeadamente entre os japoneses, onde as mulheres participam quase exclusivamente como mão de obra na recolha das mesmas.



Fig. 25 - Em 1986, na ilha da Inhaca, Moçambique, o autor destas linhas recolheu uma pérola da concha *Pinna margaritifera*, com a qual foi executado o colar desta figura

Foi no Japão que nasceu a produção de pérolas semi-naturais. Um japonês de nome Mikimoto, valendo-se da sua experiência e dos seus conhecimentos, aproveitando o sistema defensi-

vo das ostras que reagem à introdução de corpos estranhos no seu organismo, passo a passo e começando por introduzir na concha um grão de areia, acabou por chegar à produção de belas pérolas de cultura, indústria muito lucrativa, hoje já espalhada por outros países, nomeadamente nas ilhas Baleares, Espanha.

Conchas trituradas são actualmente utilizadas nos EUA como material de pré pavimentação de estradas e na ilha de Bubaque, Guiné-Bissau, durante o tempo colonial, conchas trituradas serviram como pavimento na pista de aterragem daquela ilha.

Outras actividades económicas ligadas às conchas podem ser mencionadas, nomeadamente a manufactura de objectos de decoração, bijutaria e camafeus, mas uma, que pode ser considerada como a mais importante, deverá ser referida.

A enorme procura a nível mundial de conchas destinadas a colecção e respectiva comercialização das mesmas, comercialização com a sua própria “bolsa”, que sobe ou desce conforme a procura aumenta ou diminui, ou conforme o

número de espécies novas ou raras entram no mercado, deu azo ao aparecimento de uma actividade económica de grande importância, a qual move anualmente muitos milhões de Euros e Dólares norte-americanos.

Uma mesma espécie pode ter preços muito diferentes, de acordo com a sua raridade, dimensão, estado de conservação, padrão, formas, anormalidades e outras características mais.

Para ter uma ideia de quanto pode variar o valor de uma mesma espécie, referiremos a *Cypraea tigris*; um exemplar normal desta espécie valerá cerca de \$2 a \$3 USD, enquanto um exemplar albino perfeito poderá chegar aos \$2000 USD.

Actualmente o preço de uma *Cypraea fultoni* pode variar entre \$800 a \$1000 USD para um exemplar perfeito com menos de 75 mm, enquanto um exemplar de uma subespécie desta espécie, *C. fultoni amormi*, pode chegar aos \$7000 USD.

O actual valor da *Cypraea fultoni*, que como já foi referido, só existe na costa sul de Moçambique e na costa adjacente do Natal, é mani-

festamente inferior aos praticados antes de 1985/1988, quando no mercado internacional não entravam mais de 10 a 12 exemplares por ano, normalmente recolhidos do estômago de um peixe conhecido na África do Sul por “musselcraker” (*Cymatoceps nasulus*), altura que chegaram a ser vendidas entre \$10000 a \$15000 USD cada uma.

A partir daqueles anos, na costa sul de Moçambique entraram em actividade as frotas de arrasto soviética e moçambicana e o número de exemplares que começaram a ser apanhadas e que apareceram, quer no mercado normal, quer nos mercados paralelos aumentou desmesuradamente, chegando a números superiores a 150/200 exemplares anuais, com a conseqüente queda dos preços. A entrada em actividade daquelas frotas na costa sul de Moçambique, teve também impacto nos preços de outras espécies que são apanhadas naquela região conjuntamente com as *C. fultoni*.

O *Conus milneedwardsi*, com preços que baixaram dos \$300/\$500 USD por exemplar, para \$150 USD e a *Voluta ponsonbyi*, com preços que baixaram

de \$4000/\$6000 USD por exemplar, para \$2000 USD.

A partir de 1988 e até as frotas moçambicana e principalmente a soviética terem deixado de actuar na costa sul de Moçambique, em Maputo houve gente que fez escandalosos lucros com a comercialização ilegal das referidas conchas. Compravam as conchas aos marinheiros embarcados naqueles navios por “tuta e meia”, vendendo-as depois nos mercados locais e internacionais, principalmente na Holanda, com lucros de 50 mil ou mais por cento.

Se pensarmos que existem mais de 130 mil espécies e subespécies diferentes de conchas e que anualmente é significativo o número de novas espécies e principalmente de novas subespécies identificadas, fácil é concluir, ser praticamente impossível a existência de colecções completas.

É um “hobbie” sem fim e nisso reside a sua grande atracção, proporcionando aos comerciantes de conchas uma actividade altamente lucrativa.

Acrescente-se que nos últimos tempos e muitas vezes fomentado pelos próprios comerciantes, o apa-

recimento de novas subespécies; espécies já identificadas, mas com novas cores ou novos padrões desconhecidos, são imediatamente classificadas como novas subespécies, o que não é verdade e são muitas vezes comercializadas por valores muito inflacionados.

E hoje em dia o valor das conchas de colecção estão de tal maneira inflacionados, que recentemente tomámos conhecimento de uma concha rara e muito procurada, transacionada por 30 mil euros.

- **Em termos decorativos, na pintura, escultura, arquitectura, literatura e música**

- Na decoração

Durante o período da Renascença, as conchas foram utilizadas na manufatura de peças de grande valor artístico, com um cunho muitas vezes pessoal, provenientes de “ateliers” de famosos artesãos, nomeadamente do ourives, escultor e escritor italiano Benvenuto Cellini, nascido em Florença, que viveu entre 1500 e 1571.

Fig. 26 (a) - Jarra executada em 1636 com uma concha de “Nautilus”, montada em prata-dou-



rada e coral; (b) mesa de sala decorada com conchas



A partir do século XVI, as riquezas e tesouros provenientes dos novos mundos que os navegadores europeus traziam das suas viagens, foram transformando a vida das sociedades ocidentais, onde a opulência e o luxo constituíam aspectos dominantes das classes privilegiadas.

As conchas provenientes desses novos mundos passaram a desempenhar um papel importante, utilizadas não só como objectos de decoração, como na manufatura de louçaria e talheres.

No século XVIII, principalmente nas cortes dos reis franceses Luís XIV e Luís XV, a decoração atingiu o máximo de esplendor e extravagância, onde palácios, mansões, igrejas, jardins e locais de prazer eram decorados em estilo “Rococó”; não é por acaso que a designação daquele estilo teve a sua origem na palavra francesa “rocaille” (cascalho), palavra que deriva da expressão “travail de coquille” (trabalho em concha). Se consultarmos o dicionário, verificaremos que a tradução de “rocaille”, tanto significa cascalho, pedra, como “rococó”.

Conchas exóticas e desconhecidas até então, fizeram a sua aparição na Europa e os grandes senhores daquela época, em manifestações de ostentação e novo-riquismo, faziam gala em mostrá-las nos seus palácios e mansões.

Foi o caso do nosso rei D. João V, que em 1731 adquiriu ao coleccionador francês Johan de la Faille, pelo exorbitante valor de 1020 libras francesas, um exemplar de um cone considerado muito rara na altura, o *Conus cedonulli*.

- Na Pintura

As conchas serviram ao longo de séculos, como motivo para obras de conhecidos pintores.

São exemplos de algumas delas:

“Nascimento de Vénus” e “Julgamento da Calúnia”, obras do pintor da escola florentina do Renascimento, o italiano Sandro Botticelli (1445/1510).



Fig. 27 - “Nascimento de Vénus” de Sandro Botticelli

O “Tesouro do Mar”, do italiano Jacopo del Zucchi (1542/1590); “A Chegada a Marselha de Maria de Médici”, do flamengo Rubens (1577/1640); “Gabinete de Amador”, do flamengo Francken the Younger (1581/1642); “Natureza Morta com Conchas” e “Ainda a Vida com Conchas”, do holandês Balthasar van Der Ast” (1590/1650), pioneiro na pintura de conchas como principal motivo; “Concha” do holandês Rembrandt (1606/1669).

Fig. 28 - “Concha” de Rembrandt e um exemplar do *Conus marmoreus*, em que o pintor se baseou para elaborar o quadro



“John Tradescant e Zythep-sa” do pintor Thomas de Critz (1607/1653); “Nascimento de Vénus” do francês Odilon Redon (1840/1916); “As Conchas” do belga James Ensor (1860/1949).

O famoso pintor e escultor surrealista espanhol Joan Miró (1893/1983), catalão nascido em Barcelona, pintou conchas em muitas das suas obras, com destaque para um quadro em que a cabeça de uma mulher é representada por uma cipeira.

De referir ainda um trabalho do desenhador português José Pardal, publicado no nº 1 da revista “O Ocidente - Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro - 1 de Janeiro de 1878”, no qual e tendo como fundo uma vieira, ele desenhou o iate “Aurora”, propriedade do príncipe D. Afonso, irmão do rei D. Carlos.



Fig. 29 - O iate “Aurora”

- Na Escultura

Entre muitas obras, mencionaremos a do escultor italiano Andrea del Verrocchio (1435/1488), “Cristo e o céptico Tomás” (1465), que se encontra na igreja de S. Miguel, em Florença e uma obra contemporânea denominada “Scallop” (2003), com 4 metros de altura, da autoria da escultora inglesa Maggi Hambling, nascida em 1945, que se encontra na praia de Aldeburg, Suffolk, Inglaterra, em homenagem ao compositor Benjamim Britten, nascido naquela localidade.



Fig. 30 - “Scallop” de Maggi Hambling

- Na Arquitectura

Como motivo de decoração, as conchas desde há muito que se fazem representar, quer em edifícios antigos, quer modernos, dos quais, entre outros, se podem enumerar:

A “Arcada do Pátio das Donzelas” no palácio do Alcazar de Sevilha, construído para residência real em 1360; a escadaria do castelo de Blois, em França, concebida por Leonardo da Vinci (1452/1519), com base num dos muitos esboços de conchas com espiras que ele elaborou; a “Casa das Conchas”, edifício do século XVI, em Salamanca, construído para residência de Talavera Maldonado, Chanceler da Ordem de Santiago; o “Portal” da Câmara de Toulon, em França, construído em 1656; a “Cabana das Conchas” no castelo de Rambouiller, em França, construído na segunda metade do século XVIII pelo duque de Penthièvre para a sua nora Maria Luísa de Saboia, princesa de Lamballe (1749/1792).

Projectado pelo famoso arquitecto norte-americano Frank Lloyd Wright

(1867/1959), considerada uma das suas obras de referência, o edifício do Museu Guggenheim em Nova Iorque, construído no século passado com base na concha Thatcheria mirabilis.



Fig. 31 (a) - O edifício do museu Guggenheim e a (b) concha Thatcheria mirabilis



Em Portugal e na arquitectura, diversos são os exemplos da utilização das conchas.

No “Convento dos Capuchos”, situado na serra de Sintra, mandado construir em 1560 por D. Álvaro de Castro, conselheiro de estado de D. Sebastião, podem ver-se incrustadas

numa parede da entrada do Convento, um grande número de conchas, muito provavelmente recolhidas pelos frades franciscanos nas rochas e praias das imediações.

No “Convento dos Capuchos”, este situado na Costa da Caparica, concelho de Almada, construído em 1558, existe no jardim do mesmo, uma capela revestida de embrechados de conchas e pedras.

No trabalho em estuque baseado em conchas, é admirável o tecto do salão nobre do Aquário Vasco da Gama, no Dafundo.

As conchas fazem parte de pórticos no Mosteiro dos Jerónimos, mandado construir por D. Manuel I.

Na vila alentejana das Alcáçovas, num palácio, hoje propriedade particular, podem observar-se verdadeiras obras de arte, em que as conchas estão amplamente representadas.

As paredes e tectos da capela e sacristia, os muros dos jardins e respectivos nichos, são revestidos de embutidos, misturando desenhos de um belo efeito geométrico ou figurativo, onde aparecem incrustadas muitas conchas da costa

portuguesa.

O palácio foi palco de acontecimentos históricos ligados às II e III dinastias e foi mandado construir por D. Dinis em 1495, onde passou férias com a mulher, D. Isabel, a “Rainha Santa”.

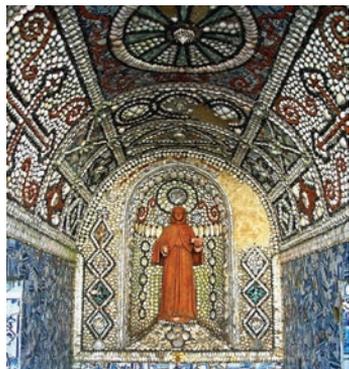
Nele se celebraram, não só e em simultâneo os casamentos de duas das netas de D. João I, a princesa D. Beatriz de Avis, que casou com D. Fernando, irmão de D. Afonso V e a sua irmã D. Isabel, futura rainha de Castela, que casou com D. João II daquele reino, mas também porque foi nos seus salões que em 4 de Setembro de 1479 foi assinado entre Portugal e Castela o “Tratado das Alcáçovas”, Tratado que pôs fim à Guerra da Sucessão, pondo termo às aspirações de D. Afonso V ao trono de Castela.

Acrescente-se que no Tratado ficou estabelecido que Portugal renunciava definitivamente aos direitos sobre as ilhas Canárias e como “moeda de troca”, Castela renunciava por sua vez a favor de Portugal, às novas terras e ilhas que estes pudessem vir a descobrir a sul daquele arquipélago, cláusula que muito veio a

beneficiar o nosso país em tempos vindouros.



Fig. 32 - (a) Pormenores do tecto da “Capela das Conchas” e dos (b) jardins, no palácio das Alcáçovas; (c) pormenores da Capela no “Convento dos Capuchos”, na Costa da Caprica



- Na Literatura

Muitos são os livros não técnicos que se tem escrito sobre conchas; como exem-

plos, escolhemos dois: “The Shell - Five Hundred Million Years of Inspired Design” da autoria dos norte-americanos Hugh & Marguerite Stix e R. Tucker Abbott e “The Shell - A World of Decoration and Ornament”, da autoria da inglesa Ingrid Thomas.

Os autores do primeiro dos livros mencionados, fizeram das conchas não só o seu “hobbie”, mas também a sua vida profissional.

Há já alguns anos realizaram uma grande viagem pelo Oriente, percorrendo as Filipinas, Indonésia, Austrália, Hong-Kong, ilhas da Oceânia e do Pacífico e principalmente o Japão, durante a qual adquiriram uma fabulosa colecção de milhares de conchas.

Após a chegada aos Estados-Unidos, realizaram uma exposição daquelas conchas, com larga divulgação não só na imprensa norte-americana como internacional, exposição que deu azo à publicação do livro “The Shell - Five Hundred Million Years of Inspired Design”.

Nesse livro, uma dona de casa de Long Island, mãe de 5 filhos, após ter visitado a exposição, expressou

deste modo o seu espanto por aquilo que viu - “Não sou religiosa, mas quando olho para “elas”, “sou obrigada a acreditar em Deus”!

De referir ainda a mítica obra do francês Julio Verne (1828/1905), as “Vinte Mil Léguas Submarinas”, onde o autor se apoiou na multi-compartimentada concha do Nautilus, para descrever e criar o submarino do capitão Nemo, antecipando-se claramente à invenção do submarino moderno.

Trabalhos técnicos sobre conchas, existem aos milhares e em todas as línguas e para se ter uma pequena ideia sobre os mesmos, recomendamos a leitura bibliográfica deste artigo.

Em Portugal, não podemos de deixar de referir o magnífico livro de Maria Cândida Consolado Macedo, “Conchas Marinhas de Portugal”, também autora de um outro trabalho, que e embora não seja totalmente dedicado ao tema, intitulado “Rei D. Carlos, Campanhas Oceanográficas”, onde as conchas têm um papel de acentuado relevo.

E ainda o livro do Professor Luíz Saldanha, “Fauna

Submarina Atlântica”, onde entre outros temas, às conchas é atribuído um importante papel.

- Na Música

O “Tritão - *Charonia tritonis*”, foi e ainda hoje é utilizado em diversas sociedades orientais, principalmente entre os povos do Pacífico, como instrumento musical.

Os sacerdotes “Shinto”, da religião “Shintonismo”, religião que muito tem a ver com a essência do povo japonês, a sua mística e os seus deuses e que estabelece uma conexão entre o actual e o antigo Japão, usam o Tritão como instrumento sonoro para chamar os crentes à oração; a concha é cortada no topo, onde é instalado um bocal e quando soprada, produz um som inacreditavelmente arrepiante.

Em antigas sociedades europeias, o Tritão souo em manifestações e actos públicos, como pode ser confirmado no quadro de 1625 do pintor Rubens - “A Chegada a Marselha de Maria de Medici”.

O som do Tritão e de espécies semelhantes, foi e continua a ser utilizado como chamamento e aviso

de perigo, principalmente entre o pessoal do mar.



Fig. 33 - O “Tritão - *Charonia tritonis*”

- Em termos religiosos

No Chile, em sepulturas datadas de 3000 anos a.C., foram encontradas conchas com motivos simbólicos e religiosos.

Entre os Maias, Azetecas e Tolteques, antigas civilizações do continente americano, o culto de Kulkutan, deus da criatividade na arte, ciência e agricultura, teria nascido a partir de uma concha.

Muitos dos templos em Teotihuacan, dedicados ao culto daquele deus, eram decorados com conchas e o palácio onde viveu, foi, segundo a tradição, construído com conchas. Num túmulo Azteca e com conexões religiosas, foi encontrada uma concha do género *Charonia*, que se encontra exposta num museu mexicano.

A CARTUXA - V

Na mitologia grega, foram o mar e as conchas que deram azo ao miraculoso nascimento de Afrodite, a deusa do amor e da beleza.

Ao longo de séculos e como continua a acontecer hoje em dia, as conchas da família Turbinellidae continuam a ser objecto de culto nos templos hindus, representando Vishnu, o deus da vida e da preservação, deus que se opõe a Shiva, deus do mal e da destruição.

Actualmente e havendo dificuldade em obterem-se conchas daquela família, as mesmas são por vezes substituídas por conchas da família Melongenidae, nomeadamente o *Busycon contrarium*.



Fig. 34- A *Turbinella laffortyi*, recolhida em grande profundidade na costa sul de Moçambique e o *Busycon contrarium*, conchas utilizadas em templos hindus

As conchas, com especial destaque para uma delas, a “Vieira - *Pecten maximus*”, sempre tiveram entre os

crístãos um simbolismo especial, sinónimo de pureza, ressurreição e redenção e com quem a Cristandade sempre manteve uma especial ligação, ligação que remonta aos tempos do pescador Tiago, filho de Zebedeu, apóstolo de Cristo.

Tiago é venerado em Santiago de Compostela, onde morreu e se encontra sepultado e para onde desde o século XII os peregrinos se dirigem ano após ano.

A Vieira sempre esteve ligada às peregrinações, pois a par do tradicional bordão e da cabaça utilizadas pelos peregrinos caminheiros, estes usavam também aquela concha para recolher a água com que matavam a sede, vindo daí a expressão “beber com as mãos em concha”.



Fig. 35- A “Vieira - *Pecten maximus*”

Ainda e relacionado com as peregrinações, será

interessante acrescentar que e à semelhança do que acontece em todo o país, na vila alentejana do Alvito, os peregrinos que a partir do Alentejo são obrigados a atravessar aquela vila nas suas caminhadas para Santiago de Compostela, nela e em muitos locais da mesma, quer em paredes de edifícios, quer em marcos implantados em diversos locais, se podem observar sinais indicativos com desenhos de vieiras, que mostram aos peregrinos o caminho a seguir sem se perderem no emaranhado das ruas.

Fora dos centros populacionais, ao longo dos percursos dos “Caminhos de Santiago” em Portugal, podem ser frequentemente observados sinais indicativos desses caminhos, com vieiras incrustados nos mesmos.

Fig. 36 - Sinais indicativos dos “Caminhos de Santiago”





Ainda hoje no Sudão, prática que tem séculos, os jovens ornamenta-se com colares de cipreias à volta do corpo, quando nas suas danças rituais imploram aos espíritos a vinda das chuvas, elemento fundamental no seu sustento e na alimentação do seu gado; na região sul de Angola, os sobas ostentavam ao pescoço como símbolos religiosos, conchas de cones (*Conus prometheus*).



Fig. 37 - Dançarinos sudaneses, com o corpo ornamentado com cipreias

Deitar conchas para invocar os espíritos, é prática corrente entre os feiticeiros africanos, prática que hoje em dia pode ser observada diariamente nas tendas dos feiticeiros no mercado de Xipamanine em Maputo.

A *Tridacna gigas*, a maior das conchas, serviu e continua a servir nos templos cristãos, não só como pia baptismal, como de decoração.

- Em termos sociais

Na Grécia Antiga e no Império Romano, as conchas eram utilizadas como adorno, quer pelas cortesãs, quer pelos jovens, prática devidamente documentada e que se prolongou até aos dias de hoje.

Na região fronteira entre o Afeganistão e o Paquistão, ainda hoje as jovens comprometidas para casamento, usam umas capas de lã colocadas na cabeça. totalmente decoradas com conchas.

Considerada uma ciência que estuda regras, formas, tradições e significados históricos, políticos, culturais e sociais, a heráldica fez o seu aparecimento na Europa nos séculos XII e XIII, sistema simbólico de identificação visual, baseado nos brasões de armas e escudos.

Com a finalidade de regulamentar a posse dos mesmos à nobreza e a famílias ilustres, ao alto clero, a autarquias civis e instituições, a partir do século XV

as monarquias europeias tentaram criar uma legislação especial para o efeito, o que nem sempre aconteceu.

A verdade é que desde a sua criação, os desenhos de conchas estiveram e continuam a estar muitas vezes presentes em brasões de famílias nobres e ilustres.

Nos brasões da “Ordem da Jarreteira”, fundada em Inglaterra em meados do século XIV, era constante a utilização não só das Vieiras como de outras conchas nos brasões dos elementos daquela Ordem; nos tempos modernos, os brasões de Sir Wiston Churchill e Sir Anthony Eden, que foram primeiros-ministros daquele país e cavaleiros daquela Ordem, ostentavam vieiras nos seus brasões.

Em Portugal, os brasões de diversas famílias nobres e ilustres, ostentam conchas nos seus desenhos.

Mais recentemente, a “Insignia Papal” do papa emérito Bento XVI, ostentava no seu brasão, uma Vieira.

Fig. 38 - Os brasões das famílias Camelo, Rego e Rocha e a “Insignia Papal” de Bento XVI



A multinacional Anglo-Holandesa “Shell”, fez da Vieira o seu emblema.

Como marca comercial, a “Shell” aparece pela primeira vez ligada ao querosene, que era transportado para o Ocidente pela empresa inglesa “Marcus Samuel & Company”.

Marcus Samuel era o proprietário e armador e os seus capitães e marinheiros começaram a trazer-lhe das distantes terras do Oriente grande número de conchas exóticas, pelas quais ele se apaixonou, começando a identificar e coleccionar as mesmas.

Mais tarde e porque a quantidade de conchas que lhe chegavam às mãos eram tantas, acabou por abrir um estabelecimento onde as comercializava e onde também vendia antiguidades e peças raras.

Em 1887, Samuel fundou a “Shell Transport & Trading Company” e em 1904, a Vieira foi escolhida como símbolo da empresa.

Em 1892, quando a empresa construiu o primeiro navio para transporte de petróleo que vinha do Oriente, deu ao mesmo o nome de “Murex”, lembrando a grande paixão do seu

fundador pelas conchas.

Marcus Samuel já não está vivo para nos poder explicar se o símbolo escolhido foi realmente a vieira, concha comum em Inglaterra, ou uma outra espécie da mesma família das vieiras (Pectinidae) vinda do Oriente e a que ele teve certamente acesso e que parece mais parecida com o símbolo escolhido.



Fig. 39 - O emblema da “Shell”

Em todo o mundo a Filatelia tem utilizado imagens de conchas na emissão de selos postais.



Fig. 40 - Selos com conchas emitidos pelo Emirato da Fujeira (EAU)

Nas tribos “ameríndias”, habitantes das regiões nordeste do continente norte-americano, os colares e cintos feitos de conchas, *Busycotypus canaliculatus* e de amêijoas brancas e púrpura, denominados “quahog”, eram tradicionalmente considerados sagrados e serviam para comemorar eventos históricos e sociais, nomeadamente casamentos.

Na Guiné-Bissau, as mulheres apertavam na mão a *Cypraea tigris* durante o parto e na China esta concha e pela mesma razão, era conhecida por “bom parto”.

Finalmente e nesta área ligada às conchas, existe documentação que comprova a utilização de conchas na Grécia Clássica, servindo como boletim de voto.

- Em termos fiduciários

Constitui sem dúvida, um dos aspectos mais interessantes da ligação das conchas à história da humanidade.

Na civilização Azteca, os tributos ao Imperador Montezuma, eram pagos com conchas.

Na Lídia, antiga colónia grega na Ásia Menor, a imagem da cipreia como

moeda era de tal modo aceite pelas populações, que quando por volta do ano 670 a.C. ali se cunharam pela primeira vez moedas metálicas, estas tinham a forma oval daquela concha.

Na mesma época, na China, durante a dinastia Chou, o “Cauri”, *Cypraea moneta*, era utilizada como moeda de troca, mais tarde moldada em osso, jade e bronze e a sua imagem era tão forte, que levou à inclusão do seu ideograma na língua escrita chinesa, em palavras como “valor”, “negócio” e “riqueza”.

Há cerca de 6 mil anos, o homem começou a trocar e vender os produtos que ia produzindo, nomeadamente produtos agrícolas e sal, este indispensável na conservação do peixe e da carne; para os comercializar, utilizou as conchas para pagamento das mercadorias, a que podemos chamar de moeda pré-fiduciária.

Dedicado ao rei D. Manuel I, o cosmógrafo Duarte Pacheco Pereira no seu “Tratado de Marinharia”, o “Esmeraldo de Situ Orbis”(1508), um Roteiro da costa ocidental africana, no qual descreve locais, povos e seus hábitos, fauna, flora e outros

temas de interesse, refere-se à existência do Zimbo, a concha *Olivella nana*, que na ilha de Luanda corria como moeda, facto que ele testemunhou aquando da construção da Feitoria da Mina (Gana), de que foi governador entre 1482 e 1488.

Daquela obra, transcrevemos: “E nestas ilhas apanham os ditos negros uns búzios que não são maiores que pinhões com a sua casca, a que eles chamam “zimbos”, os quais em terras de Manicongo (Congo) correm por moeda, e cinquenta deles dão por uma galinha e trezentos valem uma cabra, e assim outras cousas segundo são”.

O zimbo ou n’jimbo, que na língua quibundo significa “pagamento”, eram recolhidos por mulheres na contra costa da ilha de Luanda, utilizando uns cestos denominados “cofos”.

Um “cofo” era igual a 10 mil zimbos e valia no reinado de D. João III, 30 cruzados.

No século XVI, no reino do Congo, o zimbo e os cauries eram o único dinheiro aceite no resgate de escravos e em transacções comerciais, tradição que se mantinha desde há muito, nomeada-

mente quando Diogo Cão ao pretender ali pagar os mantimentos para os seus navios em moeda metálica, viu a sua pretensão rejeitada, pois só era aceite o pagamento com as referidas conchas, com o argumento de que as moedas metálicas podiam ser falsificadas.

Ali, uma cabra era paga com 20 cauries, 8 metros de tecido europeu com 5 mil cauries e 1 escravo valia entre 80 e 150 arráteis de cauries (1 arrátel = 459 gramas).

Duarte Pacheco Pereira referia ainda no seu Tratado, existirem outras conchas que serviam de pagamento no reino do Benim, província da Nigéria (Biafra) e mais a norte, na latitude das ilhas Canárias.

Desde o Neolítico (Idade da Pedra) até à Idade Moderna, a *Cyprea moneta* e a *Cyprea annulus*, os “Cauri”, foram a concha moeda mais difundida e prestigiada na circulação fiduciária Afro-Asiática.

A designação de moneta nasceu a partir da sua utilização como moeda, quer pelos chineses mil anos a.C., quer pelos povos das ilhas do Índico e do Pacífico.

Cypraea moeneta e *Cypraea annulus*



Quando Afonso de Albuquerque chegou à Índia em 1503, existiam ali dois tipos de moeda: as moedas fortes - Cruzado português, Sequim veneziano, Sherafim do Cairo e o Larim persa, utilizadas nas transações comerciais e a moeda corrente, o “Cauri”, considerada a mais importante e com direito a equivalência - 1 Larim persa valia 3500 cauries.

Nem a introdução do “Meio Manuel” e do “Soldo”, moedas Indo-Portuguesas (1504/1508), nem a expansão comercial holandesa conseguiram diminuir a importância do cauri naquelas paragens.

Por essa razão, a recolha e exploração daquelas conchas aumentou desmesuradamente.

Na Índia, 1 galinha valia 200 cauries, 1 boi valia

entre 40 a 50 mil cauries e 1 escravo, 200 mil cauries.

Existem registos, com informações de que no século XVI, vindas de Zamzibar e de Moçambique, chegavam a Bombaim grandes quantidades daquelas conchas e no século XVII, anualmente, saiam das ilhas Maldivas 40 navios carregadas com cauries destinados a Bengala.

Com o aumento da apanha dos cauries, os mesmos foram sendo desvalorizados, mas continuaram a ser aceites como moeda de troca em diversas regiões do Índico, nomeadamente em Moçambique, até finais do século XIX.

João Albasini (1813/1888), comerciante e que foi Vice-Cônsul de Portugal no Transval entre 1858 e 1868, numa das suas incursões pelo norte de Moçambique, constatou por parte dos comerciantes árabes provenientes do Oriente, o pagamento em cauries na compra de marfim e pedras semi-preciosas aos povos locais.

Em 1980, conheci em Angoche, norte de Moçambique, uma jovem descendente de uma família árabe, que se lembrava de ver conchas na casa de uma sua

avó, que lhe dizia terem as mesmas servido de dinheiro em tempos passados.

Um caso curioso que veio a perceber-se ter a ver com pagamentos feitos com cauries, aconteceu em meados do século passado no Brasil, onde a *Cypraea moneta* nunca tinha sido dada como ocorrendo naquela costa. Em Santa Catarina e no Recife, foram encontradas no fundo do mar diversos exemplares daquela cipreia, porém, todas elas mortas. Acabou por se admitir a existência das mesmas naquela costa, a ponto do naturalista Morretes, em 1949, considerar a ocorrência daquela espécie na região.

Este mistério só recentemente foi clarificado, quando se constatou que todas aquelas conchas tinham sido encontradas junto a restos de navios negreiros ali afundados, navios que tinham transportado escravos vindos da costa oriental africana e que tinham sido pagos com cauries.

Nas ilhas da Melanésia, palavra de origem grega que significa "Ilhas dos Negros", situadas a NE da Austrália, a Nova Guiné, Molucas, Salomão, Fiji e outras, as conchas serviram de de troca

e tinham denominações diversas, nomeadamente "Sapisapi", "Diwara" e "Rongo".

Na costa NE do continente norte-americano, no século XVII, durante o período colonial, os colonos europeus utilizavam muitas vezes conchas denominadas "Wampum", para pagamento aos povos "ameríndias", do milho, tabaco, peles de animais, arpões e bebidas alcoólicas.

Muito recentemente, ainda eram cunhadas moedas metálicas com conchas gravadas, como acontecia no distrito da ilha de Jersey (Grã-Bretanha), com a moeda de 20 libras.



Fig. 42 - A moeda de 20 libras cunhada na ilha de Jersey, com uma concha da família Haliotidae nela gravada

- Em termos medicinais

Na China, a concha *Haliotis diversicolor* é utilizada com finalidades anti-espasmódicas.

Da concha do *Conus magus* recolhe-se um anal-

gésico mil vezes mais potente que a morfina e do *Conus radiatus* obtém-se um neuro tóxico que bloqueia as crises de epilepsia.

- Na matemática

A civilização Maia, 300 anos a.C., possuía conhecimentos matemáticos, astronómicos, arquitectónicos e artísticos tão ou mais avançados que as das civilizações gregas e egípcias.

Os seus conceitos matemáticos eram tão avançados como o dos romanos e lideravam entre outros, o conceito do "zero", que era representado por uma concha de cipreia.

- Em termos ecológicos

Em termos gerais, as conchas constituem um elemento vital no ciclo do calcário.

Mexilhões, ostras e amêijoas, conchas que filtram a água do mar e dela extraem a sua alimentação, retêm no seu organismo resíduos tóxicos, nomeadamente o benzeno e metais pesados, os quais constituem bio-indicadores importantes para determinação das condições ambientais dos meios onde vivem.

Também e em termos ecológicos, as conchas da família Teredinidae desem-

penham um importante papel. Estas conchas, que se podem comparar ao caruncho terrestre, atacam as madeiras que se encontram na água e penetram naquelas através de um pequeno orifício que elas próprias abrem, cavando galerias à média de 3 centímetros diários, acabando por destruir grande quantidade de madeira em pouco tempo.

Embora possam com este comportamento negativo

provocar danos nas obras vivas das embarcações de madeira (zonas abaixo da linha de água), podem por outro lado ser ecologicamente importantes, como acontece por exemplo no rio Amazonas, acelerando a destruição das árvores arrancadas durante as cheias, evitando o seu afundamento, com os consequentes efeitos no meio ambiente vivo.

Acrescente-se que estes

animais servem de alimentação às populações daquela região, consideradas uma iguaria e ricas em cálcio e proteínas.

- Em termos educativos

Em termos globais, para além de desempenharem um importante papel educativo, estudos efectuados nos EUA, chegaram à conclusão que as crianças que se dedicam a coleccionar conchas adquirem um considerável sentido organizacional.

BIBLIOGRAFIA

“As Conchas Marinhas” - Guilherme Rocha de Macedo - Revista da Armada, 1996

“A Guide to the Shores of Eastern África and the Western Indian Ocean Islands” - Matthew D. Richmond

“An Annotated Catalogue of Marine Shells” - Poppe and Senders

“A Natural History of Inhaca Island - Mozambique” - Margaret Kalk

“A World of Decoration and Ornament” - Ingrid Thomas

“Compendium of Shells” - R. Tucker Abbott & S. Peter Dance

“Conchas” - S. Peter Dance

“Conchas Marinhas de Portugal” - Maria Cândida Consolado Macedo

“Conchiglie” - Jerome M. Eisenberg

“Cone Shells” - Jerry G. Walls

“Coquillages - Espèces du Monde Entier” - R. Tucher Abbott

“Cowries” - Felix Lornz Jr. & Alex Hubert

“Fauna Submarina Atlântica” - Luíz Saldanha

“Geografia II” - José Moreira Rato - Instituto de Tecnologias Náuticas

“Guia de Campo das Espécies Comerciais Marinhas

e de Águas Salobras de Moçambique” - Documento FAO

“Iniciação à Colecção de Conchas” - José António Silva & Gil Montalverde

“Les Mollusques Marins” - Jean M. Gaillard

“Moluscos Marinhos da Ilha de S. Vicente” - A. Guerreiro & F. Reiner

“O Maravilhoso Mundo das Conchas” - José Moreira Rato - Revista “Mundo Submerso”, 2001

“Rei D. Carlos - Campanhas Oceanográficas” - Maria Cândida Consolado Macedo

“Sea Shells” - Orbis Books

“Seashells of the World” - A. Gordon Melvin

“Seashells of the World” - Gert Lindner

“Shells and Shell Collecting” - S. Peter Dance

“Shells of the World” - A. P. H. Oliver

“Standard Catalog of Shells” - Wagner & Abbott’s

“The Encyclopedie of Shells” - Kenneth R. Wye

“The Living Shores of Southern África” - Margot e George Branch

“The Shell” - Hugh e Marguerite Slix & R. Tucker Abbott

(Nota: Todos os exemplares que constam nas figuras do artigo, pertencem à colecção do autor).



DANIEL DOS SANTOS NUNES... UMA VIDA, UMA BIBLIOTECA

*Por Augusto Nascimento e Carlos Almeida Nascimento
Centro de História da Universidade de Lisboa*

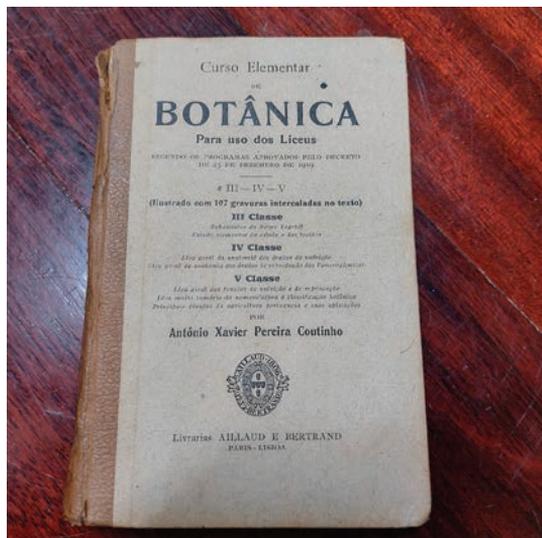
Daniel dos Santos Nunes nasceu na Assomada, Cabo Verde, em 1935. Filho de um português, funcionário das finanças e professor no seminário e no liceu, e de uma cabo-verdiana.

Como os onze irmãos, fez os estudos em casa e os respetivos exames no liceu do Mindelo. Em 1953, veio para Portugal, onde frequentou a Escola Agrícola da Paiã. Nesse ano, o seu encarregado de educação era Amílcar Cabral. Talvez aí tenha começado o convívio de perto com toda a geração da Casa dos Estudantes do Império. As conversas versaram a ocorrência e as implicações da clivagem racial, que ordenava a sociedade e, sobretudo, inquietava quem tinha desígnios. Até hoje, o “branco” e o “preto” afloram no seu modo de falar, não só à guisa de ironia acerca da condição humana e do mundo, mas, significativamente, também como meio de aproximar as pessoas. Todas.

A par da traquinice numa prole numerosa – mais contida pela mãe do que pelo pai! –, as letras estiveram presentes na sua vida. Recita trechos de poesia. Sobrinho do



poeta António Nunes, o amor pelos livros cultivou-o desde a infância. Para tal terá contribuído a biblioteca do pai, estimada em cerca de 1500 livros, cifra invulgar para a época no meio cabo-verdiano. Era um mundo de saberes, conhecimentos, paisagens, ideias e sentimentos que se abria ao seu conhecimento, ainda assim, com limitações, admite-o até hoje. A crítica social e, sobretudo, a linguagem agressiva do anticlericalismo de Palavras cínicas de Albino Forjaz de Sampaio e de A velhice do Padre



eterno de Guerra Junqueiro – numa primeira edição ilustrada, que nunca encontrou desde há cerca de setenta anos que leva de procura de livros – fizeram com que o pai lhe tivesse proibido expressamente a leitura desses livros. Talvez por isso, prossegue a busca afanosa de um exemplar da primeira edição daquela obra de Junqueiro.

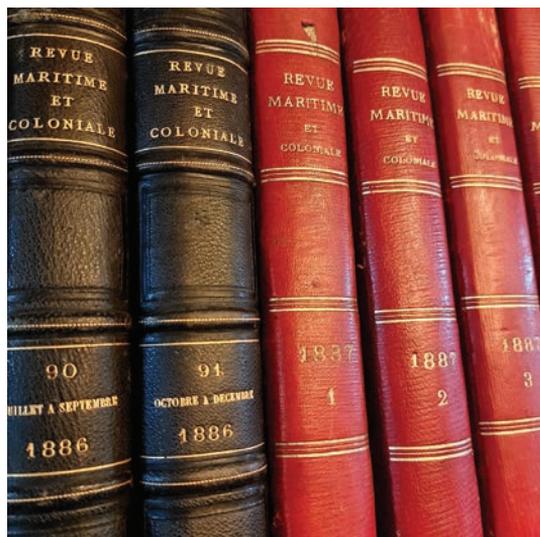
O primeiro livro que comprou do seu bolso foi Botânica para 3º, 4º e 5º ano, de Azevedo Coutinho. Custou-lhe então 10 tostões, pagos em duas prestações. O livreiro não quis ficar com o bilhete de identidade como penhor da dívida, porque, terá dito, se na idade dele comprava livros era certo que os pagaria. Na ingenuidade de quem ainda não atinava com o mundo, quando foi solver a dívida, perguntou por um livro proibido, levando um resposno do livreiro que lhe falou do acatamento da lei e da ordem... para, afinal, aprender a ser prudente e a não fazer perguntas inapropriadas na presença de clientes desconhecidos.

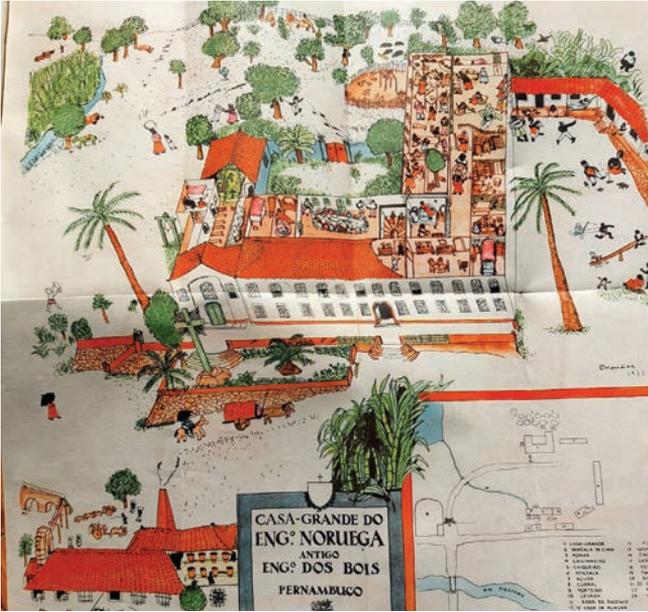
É uso dizer, dos “mais velhos africanos”, que são bibliotecas vivas! O aforismo apli-

ca-se-lhe por inteiro. Bom conversador, as histórias de uma vida rica sucedem-se ao sabor de uma memória fina capaz de registar gestos e olhares, descrever acontecimentos, narrar conversas, histórias singulares, relações tecidas de cumplicidades.

Ao seu saber também feito de andanças e histórias vividas, junta-se outra biblioteca, não menos notável, nem menos viva... a que ele construiu, com mais de 40 mil volumes laboriosa e pacientemente reunidos ao longo da vida.

A sua actividade profissional levou-o por caminhos que cruzaram, em múltiplas direcções, o continente africano. A sua biblioteca é um monumento inigualável que testemunha o seu amor por uma África, que não se define pelas fronteiras dos escravizados. A bibliografia sobre a temática da escravatura é imensa. Mas na África da sua biblioteca também cabem a diversidade cultural e a pluralidade de condições sociais e políticas. Logo, a biblioteca reúne uma vasta coleção de legislação, nacional e estrangeira, assim como documentação





do à mão, o carminado e dourado à cabeça, a pele chagrin, o papel pintado à mão e o de seda. Manuseia os livros com o cuidado de quem acaricia matéria preciosa.

Desse conhecimento nasceu o interesse pelo livro antigo. Os primeiros livros antigos sobre África foram comprados em 1956, mas o primeiro livro antigo raro adquiriu-o em 1988. Hoje, tem obras quinhentistas, algumas com capa de pergaminho, livros que pertenceram a figuras da nossa história, edições por outros consideradas como não existentes e documentação que as contingências políticas

plurissecular relacionada com a administração colonial portuguesa e os impérios europeus em África.

Daniel dos Santos Nunes ama o livro. Conhece todos os segredos da sua confeção e, muito em especial, a arte da encadernação, que chegou aliás a cultivar, embora à época sem grandes recursos. Explica com detalhe os ferros e as peles, a inteira de pele e as meias-francesas, o papel pinta-

cas fizeram desaparecer quase por inteiro. Alguns catálogos anotados constituem um manancial de informação única sobre as vicissitudes do mercado livreiro, incluindo edições, tiragens e preços.

A biblioteca de Daniel Nunes é um monumento de dedicação ao saber, ao livro como objeto e como veículo de conhecimento.

A África também. E às suas gentes.



“A MERENDA” Padaria e Pastelaria PREMIADA

História do nosso bolo rei: A pastelaria a Merenda foi fundada em 1987 com o propósito de bem servir o cliente, com a máxima qualidade nos produtos e no atendimento! No dia de reis de (6 de janeiro) 2023 participámos no concurso do melhor bolo rei de cascais promovido pela Associação empresarial do concelho de cascais e fomos premiados com o Melhor Bolo Rei de Cascais, na Páscoa concorremos com o nosso foliar é também ganhámos o melhor Foliar de Cascais. Em Novembro 2023 no segundo concurso do melhor bolo rei de cascais fomos convidados para sermos jurados do mesmo, desta forma não concorreremos e quisemos levar o nosso bolo a nível nacional, ou seja ao concurso do Melhor bolo rei de Portugal promovido pela ACIP. Levamos dois bolos ao concurso em que participamos na categoria Bolo rei Bolo inovação Quando chegamos a final com os nossos dois bolos a equipa ficou tão feliz que parecia que já tínhamos ganho o concurso! Pois foi a primeira vez que participamos num concurso a nível nacional! A final foi em Coimbra onde trouxemos



a medalha de bronze no nosso Bolo Rei e a de prata no nosso bolo rainha inovação! Uma verdadeira vitória o que nos faz sentir ainda mais que a qualidade dos nossos produtos é realmente excelente!

Visite-nos na Rua Sampaio Bruno, 127, Lojas 7, 8, 2775-279 Parede.

Esperamos por si!

A Merenda

*Padaria e Pastelaria
Fabrico Próprio*



Boas Festas



União das Freguesias de Oeiras e São Julião da Barra, Paço de Arcos e Caxias

*A Presidente da Junta de Freguesia
deseja-lhe Boas Festas e um Excelente
Ano Novo de 2024*

